

DINÂMICAS CURATORIAIS E AÇÕES INSUBORDINADAS

Lorena de Paula Perassoli¹

Se formos pesquisar a palavra curadoria, encontraremos a seguinte definição: *ato, processo, ou efeito de curar; cuidado*. Proponho aqui uma reflexão: *um curador, agora em sentido museológico*, não pode se ater apenas as questões de organização, de seleção e de pensar como ou de que forma uma exposição de arte faça sentido. Analisar uma curadoria somente por meio de questões como iluminação, ordenação das obras e seções, cores para as paredes da exposição ou altura dos quadros pregados, torna-se muito simplista e superficial. Isso porque há três séculos, desde a criação dos museus, reverberam os mesmos discursos dominantes que não são capazes de colocar em relação uma pluralidade de identidades, sexos, gêneros, raças e toda forma de diversidade que abarcam a experiência humana.

Nessa perspectiva, desde o século XV, com o surgimento dos *Gabinetes de curiosidade*, os quais originaram os museus, identificamos a “mesma” estrutura de representação, e assim, os modos de dominação cultural com seus vieses eurocentrados e profundamente coloniais. Assim, as dinâmicas curatoriais, comprometidas com uma agenda anticolonial, precisam promover a identificação, resignificação e a reelaboração dos discursos que permeiam esses espaços, de modo a resistir ao reducionismo. Pensando nisso, uma curadoria torna-se algo mais complexo, uma vez que, ela além de ser um agente de denúncia, pode estar também comprometida com uma espécie de “cura” do espaço colonial. Espaços como galerias, museus, universidades são antes de tudo, locais que contribuíram para a promoção e perpetuação do silenciamento de diversos grupos e sujeitos, visto que, existe uma lógica de assujeitamento racial e genericada que mimetiza o paradigma eurocentrado, branco e corpo-ocidental.

Na exposição *Arte, pesquisa, ação e pensamento anticolonial*, realizada no Espaço Cultural do CCMN-UFRJ em novembro de 2019, nós da equipe de curadoria encontramos diversos obstáculos para a realização de uma exposição que objetivava a descentralização de princípios e perspectivas hegemônicas, responsáveis por marginalizar narrativas e, mais do que isso, marginalizar vidas. Como fazer uma exposição decolonial nos moldes de uma galeria, se a própria origem desta tem raízes racistas, sexistas e genocidas? Como subverter essa lógica? Como expor narrativas de sujeitos silenciados em locais que podem contribuir com assimetrias sociais, como a academia? Como esfacelar esse ideal regulatório que promove exclusão e violência, tanto física quanto simbólica?

O processo de cura, antes de mais nada, é uma ação de insubordinação, visto que a dor colonial é projeto e ao mesmo tempo resultado da dominação de corpos e corpos marginalizados pela concepção hegemônica. Subverter. Rebelar. Por isso a curadoria, é visceral, à medida que, propomos mexer nessa ferida colonial. Uma curadoria coletiva que se comprometeu ao mergulho destemido às complexidades de viver em uma sociedade que é movida por uma engrenagem cruel e assassina, a fim de produzir fissuras nos modelos capitalistas constantemente mimetizados nos espaços culturais, acadêmicos e políticos. A exposição *Arte, pesquisa, ação e pensamento anticolonial*, não se dedicou apenas a situações, enredos e narrativas que revelavam comportamentos de denúncia, ela também, entre outras coisas, contava com um processo de insurreição, ao passo que reinventamos o mundo

tal qual conhecemos, como se um quebra-cabeça fosse, buscando subverter concepções coloniais. Nos permitimos habitar o movimento caótico sagrado pra alguns e profano. Um movimento de rebeldia e recusa. Para nós, a curadoria possui responsabilidade não apenas social, mas ética frente a todas às violências impostas as nossas identidades, corpos, gêneros, raça e desejo. Assim, é imensurável a importância de um processo curatorial numa agenda que visa desmoronar as estruturas que foram inventadas e mantidas através dos séculos para dominação de nossas narrativas e potência criativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogá,

MOMBAÇA, Jota. Rumo a uma redistribuição desobediente de gênero e anticolonial da violência. 2016. Issu. Disponível em: <http://www.issuu.com/amilcacker/docs/rumo_a_uma_redistribuicao_a_o_da_vi> . Acesso em: 23 de mar. 2020.

_____. Pode um cú mestiço falar. Medium. Acesso em: <<https://medium.com/@jotamombaca/pode-um-cu-mestico-falar-e915ed9c61ee>> . Acesso em: 25 de mar. 2020

¹ Graduanda em História da Arte pela Escola de Belas Artes da UFRJ. E-mail: loreperassoli@outlook.com